

SUPLEMENTO
HUMORISTICO DE
O SEculo

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Limit.ª

Director: ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas — Rua do Seculo, 43 — Lisboa

Conclusão logica



Depois de saber das indignações que levantaram no Parlamento as declarações do sr. Vaz Guedes:

— Pois sim: são todos muito honrados, mas deixaram-me n'este estado!



PALESTRA AMENA

Flôres

Depois d'algumas semanas agitadas, a que bem poderíamos chamar «semanas de bombas» apareceu, finalmente, uma outra tranquila e perfumada, que pode ficar na historia de Lisboa com o titulo de «semana de flôres» graças aos srs. Moreira da Silva & Filhos, do Porto, que expuzeram no salão da Sociedade de Geografia algumas das suas maravilhosas criações de cravos e rosas.

Criação? Sim: aqueles senhores, mestres em floricultura, conseguiram não corrigir a Natureza porque o que esta faz é bem feito, mas revesti-la de encantos inéditos, modernas, em harmonia com a ancia de transformação que está dominando as sociedades cultas, não contentes com a sinceridade e a espontaneidade das forças naturais.

A Natureza dá-nos rosas e cravos, que os botânicos classificaram em tipos definidos e julgados imutáveis, e os srs. Moreira da Silva & Filhos acasalaram as flôres em enlances inesperados, de que resultaram individuos desconhecidos, côres nunca vistas, pétalas e sepalas de formas estranhas, até perfumes novos. E nós, como toda a gente, parámos encantados ao pé dos milagrosos exemplares, admirando cravos azues e rosas verdes, surpreendendo filhos de pais incógnitos, degenerescencias petulantes, aqui uma mancha suspeita, além um recorte inexplicavel...

Vamos com o tempo. As rosas já não são rosas, os cravos já não são cravos, e então é necessario inventar nomes para os novos productos, como é preciso que apareça uma nova literatura para eles.

A rosa para ser rosa
Deve ser da Alexandria

dizia-se quando eramos moços; deve agora repetir-se semelhante barba-ridade? E aquela ingenua quadra em que se afirmava que a rosa tinha vinte pétalas e o cravo vinte e uma, n'estes termos:

A rosa tem vinte folhas,
O cravo tem vinte e uma;
Anda o cravo á demanda
Por a rosa ter mais uma,

tem ou não de ser relegada para as velharias semsaborosas, onde se guardam as caixas de rapé dos nossos avós?

Depressa, classifiquem-se os modernos exemplares, para evitar scenas como a que vamos narrar e a que assistimos no dia da inauguração da exposição.

Junto d'um dos canteiros um sujeito e uma senhora, provavelmente marido e mulher, examinavam uma das flôres mais formosas da colecção. O marido:

— Que linda rosa!

A esposa:

— Estás enganado; é um cravo.

— O' filha! Não vês que é uma ro-

sa?

— E' um cravo, digo-t'ó eu.

— Para tirar teimas, vamos chamar o sr. Moreira da Silva.

— Valeu.

D'ai a momentos o simpatico floricultor resolvia o pleito, perante os esposos, explicando:

— Isto é um rainunculo, minha senhora.

J. Neutral.

Seguros sociais

Com uma seriedade, que até parecia a valer, varias companhias de seguros annunciavam que era necessario segurar os serviços até o dia 10 do corrente, sob pena de pesadas multas para os patrões, muitos dos quais caíram como patinhos. E como o facto tivesse produzido na população sopeiral uma excitação bem justificavel, destacámos meia duzia de repórteres por diversas agencias e eis o que, depois de mil difficuldades e despesas conseguiram colher.

Ajustando uma * criada. Depois de concordarem no ordenado e no serviço:

— E a senhora segura-me?

A futura patrão, que não tinha conhecimento do decreto n.º 5:637:

— Que vem ser isso?

— Vem a ser a senhora ou o patrão



pagar-me uma indemnização por algum precalço que eu venha a sofrer.

— Continuo a não perceber.

— Por exemplo, se o padeiro me prometer casamento e não cumprir...

N'outro ajuste. O patrão:

— Estamos de accordo; seguro-te n'uma companhia.

— Não basta.

— Qué?

— Só fico, se o senhor tambem segurar o meu primo, que é policia. Se lhe acontecer alguma desgraça a ele é como se me acontecesse a mim.

A D. Eufemia * surpreende o marido no corredor, em intimidade suspeita com a criada.

— Então que é isso, Maria?

— Não é nada. E' o senhor que estava a inzeccutar o decreto.

— Qué?

— Estava a sigurar-me...

Abençoada crise

Os tipografos resolveram não compôr os discursos parlamentares, por motivos que não se depreendem claramente das noticia que lemos a este respeito, mas que com um bocadinho de inteligencia e de trabalho qualquer pessoa encontrará.

O caso levantou graves discussões nas camaras, propostas que afectam a liberdade de imprensa, uma quasi revolução em toda a parte pensante e escrevente do paiz.



A' hora a que escrevemos ainda se não sabe o resultado das medidas que o governo julgou conveniente adoptar, mas dentro em pouco ele será do dominio publico, e, se chegar ao nosso conhecimento antes do *Seculo Comico* entrar na maquina, immediatamente será incluída n'estas colunas.

...Escusado é acrescentar que semelhante facto se não deu em Portugal. Foi lá para as Americas.

Que pena!

Torre de Chifre

O sono da criança

Como ela dorme socegadinha
No seu berço arrendado
Depois de resar á Madrinha
Que foi do seu baptisado!

Não tem sonhos nem pesadelos,
Dorme que nem um anjo;
Ai! quem me dera assim te-los
Sem o menor desarranjo!

Sonha certamente com bonecas,
Com os brinquedos do dia,
Com as diabruras do Manecas,
Com o riso, ou a alegria.

Ninguém acorde a criança
Deixem-na dormir toda a noite,
Que ela esqueça a lembrança
Do seu ultimo açoite!

Bem: lhe basta a vida inteira
Para estar bem acordada.
Dormir d'esta maneira
E' não pensar em nada.

Alice T. O. Lima.



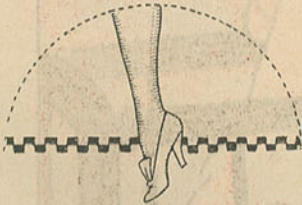
TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Ispousa du mê curasão:

Nan podes desimajinar as soidades que tanho tido á um tempo pra cá da minha crida Pêras Ruivas! Alem de cer, cem duida nenhuma, uma terra i pêras, aí nan falta u azeite nem a batata nem subretudo a brôasinha de milho caindas que fôce du pior era milho cu pão ca qui istou a cumer in Lisboa. Olha, minha Zefa: us noços jimentos ção mais bem tratados que nós aqui, çalvo ceija, cao menos tem resão de milho i nós aqui temos pão de cravão! Mas cum isto nan te infado mais purquê u que nan tem remedo arremedado istá i ce eu cá ispixar u canellin cum as prucarias que nus dão a cumer tem paciência i vai butando as tuas vistas pra outro ome que te cunvanha pra cando eu estiver redosido a cadavel morto.

Agora vou fallarte du *Divrosiemos-nos*, que é uma pessa de touda a atoa- lidade cuja esta cunciste in provar cus maridos ainsatos ção preferivles çs indiotas i que alem diço tem oitra tesia cuja esta é cas atrizes de upreta tamem ção capazes de arrepresentar cu-



média a questão é u sr. Galhardo i a sr.^a Lusinda Simões metterse niço. Ora intão a Ozenda de Oliveira nan isteve lá cum as acanhezas da Culassinha: gramou toudas as imuralidades du noço cumpadre Sardu que nem pão cum mantêga, cujas imuralidades cuncistem —prumero, in a purtagunista arresseber na ósencia du marido um indevido que é parvo; cegundo, nan cuncintir que ele le dê nem um bejo; terceiro, ir cum u marido pra um restaurante; quarto, cumer camarões cum pementa; quinto, mostrar u pé ó tal parvo; sexto, resulver-se a fazer cum u marido u que toudas as mulheres casadas fazem cum elles, verbo ingrancia, tu i mim.

Agora vamos a ver se algum dia a ditto Culassa arrepresenta algum papel que tanha por onde se le pegue arepêto de indesensias; sem de ter munta cotela pro futuro, cenão istá cervida cum u puvlico. Nan çou mais isteno porque tanho de ir ver u *Negossio da Xina*—que cigundo dizem é ifetivamente um negossio da xina pró nasimento fernandes—i arresebe mil alimbransas du que munto te istima i é tê marido sempre fixo.

Jerolmo,
Emprezario do Pauliteama
de Peras Ruivas.

EM FOCO

Lucinda Simões



Diz-me o desenhador que me acompanha, Que já n'este logar foi festejada; Isso quer dizer pouco ou mesmo nada, Quando seja figura assim tamanha.

Quem na paisagem vê uma montanha Quasi tocando o ceu na cumeada Conserva-a na retina, impressionada A cada instante, pela forma extranha.

Assim a vejo e digo de passagem (Se me permitem o arriscado estilo, Esta arrojada e estapafurdia imagem)

Que a não canto por isto ou por aquilo, Mas só porque é vulgar n'uma paisagem Cantar ao pé d'um monte um triste grilo..

BELMIRO.

A greve de braços cruzados

Perguntam-nos se ha grèves que não sejam de braços cruzados, isto é, grèves que não consistam em os operarios não trabalharem—e nós respondemos que a greve é, efectivamente, a paralisação do trabalho, mas que nem sempre se manifesta cruzando os operarios os braços. Por exemplo: uma greve de bailarinas traduzir-se-ia pela imobilidade das pernas.

Tambem não é obrigatorio o cruzamento dos braços, isto é, a perpendicularidade, para que não trabalhem; deixa-os cair ao longo do corpo, metter as mãos nas algibeiras, etc., produzem o mesmo efeito do que o cru-

ctos expostos. No dia seguinte o «alcalde» foi pedir desculpa a Afonso XIII, declarando-lhe que o guarda não soubera de quem se tratara, ao que o soberano respondeu que o guarda tinha cumprido o seu dever e que o ia gratificar.

Ponham agora vossorias na idéa o que faria o nosso Bernardino Machado, quando era imperante, se um guarda do passeio da Estrela o multasse por ele pisar os canteiros para ir, por exemplo, dar migalhinhas de pão aos cisnes pretos.

Credo! Até era capaz de nunca mais lhe tirar o chapéu!

A ganga

Na America é que as coisas se fazem a serio. Lá resolveu-se vestir barato e o caso é que milhares de pessoas puzeram já o projecto em execução, segundo lemos em jornais estrangeiros. Aqui só o nosso *Esculapio* e poucas mais pessoas tiveram essa coragem, emquanto que em Nova-York os ganguistas são ás centenas e no Estado de Texas até já se fundou uma associação intitulada «Sociedade dos Patrioticos Cavaleiros e Damsas do Remedio.»

E' por estas e por outras que o nosso governo vai reprimir a emigração: para os emigrantes não voltarem á sua terra com maus costumes.

Correspondencia

Daniel — O amigo desde que esteve na casa dos liões, ficou pató. Trate-se.

Lima N. S. — Não pega para cá. Basta a parte da gente imral.

R. P. (Santarem) — Pois é claro' mas não vale troçar com coisas serias' Perdoemos-lhe.



zamento. No emtanto, como este denota mais energia principalmente se o ato fór executado com força, para a reacção contra as grèves pode adoptar-se o dito cruzamento. E' o que, o Zé—a eterna victima de grévistas e não grévistas—está resolvido a fazer.

Cá e lá

Em Sevilha um guarda multou o rei de Espanha por ele, n'uma exposição, ter atravessado um canteiro de relva para analisar mais de perto os obje-

Alterações do catecismo



O pequeno, a quem a mãe ensina a rezar o Padre-Nosso:

— Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no ceu, o pão nosso de cada dia *dae-nos* hoje...

A mãe:

— Não é assim. Dize comigo: «... o pão nosso de cada dia *dae-nos* melhor do que o de hoje...»